

O PROTESTANTISMO NO BRASIL: UM
ESTUDO DE CASO DA PRIMEIRA IGRE-
JA BATISTA DE BARRA DO PIRAÍ, RJ
(1915-1917)

**Protestantism in Brazil: a study's case of the first
baptist church of Barra do Piraí, RJ (1915-1917)**

Aguiomar Rodrigues Bruno

O PROTESTANTISMO NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE BARRA DO PIRAÍ, RJ (1915-1917)

Aguiomar Rodrigues Bruno²⁰

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o processo de construção e consolidação da Primeira Igreja Batista de Barra do Piraí (PIBBP), na cidade de Barra do Piraí-RJ, ocorrido entre 1915 e 1917. Para isso, em primeiro lugar, analisaremos o processo da chegada dos primeiros imigrantes e missionários protestantes norte-americanos ao Brasil e a fundação de colônias e igrejas pelo território. Em um segundo momento, analisaremos o mesmo processo missionário protestante, em particular, o batista, no âmbito da cidade do Rio de Janeiro, com a fundação da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro (PIBRJ), e o crescimento da fé pelas regiões vizinhas. Mediante isso, observaremos que esse avanço propiciou a construção de um espaço sagrado batista na cidade de Barra do Piraí-RJ, através da fundação da Primeira Igreja Batista de Barra do Piraí (PIBBP).

PALAVRAS-CHAVE: Igreja; Barra do Piraí; Protestantismo

PROTESTANTISM IN BRAZIL: A STUDY'S CASE OF THE FIRST BAPTIST CHURCH OF BARRA DO PIRAÍ, RJ (1915-1917)

ABSTRACT

This work aims to analyze the process of construction and consolidation of the First Baptist Church of Barra do Piraí (PIBBP), in the city of Barra do Piraí-RJ, which took place between 1915 and 1917. To achieve this, firstly, we will analyze the process of arrival of the first North American Protestant immigrants and missionaries to Brazil and the founding of colonies and churches throughout the territory. In a second moment, we will analyze the same Protestant missionary process, in particular, the Baptist, within the city of Rio de Janeiro, with the founding of the First Baptist Church of Rio de Janeiro (PIBRJ), and the growth of faith in neighboring regions. Therefore, we will observe that this advance led to the construction of a sacred Baptist space in the city of Barra do Piraí-RJ, through the foundation of the First Baptist Church of Barra do Piraí (PIBBP).

KEYWORDS: Church; Barra do Piraí, Protestantism

²⁰ Graduado em História pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase (UGB 2009), especializado (latu-sensu) atpelo programa de Pós-Graduação em História Moderna pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2012. Mestre em História na área de concentração em Estado e Relações de Poder, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em 2015. Programa de doutoramento da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), na linha de pesquisa Cultura, Poder e Representações (2016- 2020). Docente do Colégio Albert Einstein, estado do Rio de Janeiro, cidade de Pinheiral, e Tutor Presencial do Curso de História da modalidade EAD/Consórcio Cecierj-Cederj com vínculo junto a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), no Polo universitário na cidade de Piraí. Participa do Laboratório de Pesquisa Histórica a Distância (CDOC-ARREMOS). aguimarrbprof@gmail.com

Introdução

De modo geral, a historiografia tradicional, como a obra *Breve História dos Batistas* de José Reis Pereira, trata da inserção do protestantismo no Brasil, a partir da análise das motivações que impulsionaram os religiosos deste segmento a virem ao país. Sob este ponto de vista historiográfico, teríamos então o protestantismo de missão e o protestantismo de imigração. No caso específico da denominação batista - foco principal deste trabalho - poderíamos tratar de ambas as formas de inserção desse segmento protestante. Ao longo do trabalho, veremos estas duas vertentes religiosas atuando por vezes separadas e por outras simultâneas, nas diversas regiões do Brasil e pelos diversos países da América Latina, ao longo do século XIX.

O proselitismo religioso e as práticas de fé só podem ser inteligíveis dentro dos seus respectivos contextos históricos e culturais. Sendo assim, observamos que o proselitismo aliado aos valores típicos de uma sociedade industrial, permeada pelos valores burgueses, numa época em que a ciência ganhava notoriedade social, afetou particularmente as denominações protestantes, em fins do séc. XVIII e início do XIX. Por um lado, o contexto conturbado da Guerra da Secessão nos EUA e a estruturação de organizações religiosas contribuíram para que imigrantes e missionários sulistas encontrassem no Brasil um destino seguro. Por outro lado, a conjuntura política e econômica brasileira, em particular, a partir da vinda da Família Real, mas, sobretudo, no processo de Independência, criou um cenário político bastante favorável para que diversos grupos imigrantes e denominações protestantes instalassem no Brasil.

Dito isso, não pretendemos esgotar o assunto, mas trazemos percepções analíticas do campo historiográfico para propormos uma visão crítica e propositiva para o campo religioso. Sendo assim, procuramos dialogar com o campo da história das religiões e religiosidades e o campo da história política, assim como,

outros espaços do saber: a ciência da religião e a geografia da religião. Seguindo a perspectiva metodológica bibliográfica, trabalhamos com diversos autores que influenciaram o campo acadêmico sobre a temática. Também utilizamos o acervo digitalizado da Hemeroteca Digital Brasileira para consulta de periódicos como o Jornal Batista, Imprensa Evangélica, Gazeta da Bahia, O Apostolo entre outros. Sob este aspecto, também fizemos usos de documentos catalogados no Arquivo da Igreja Batista de Barra do Piraí (AIBBP).

Em contrapartida, no campo teórico, procuramos entender a religião tão apenas sob os aspectos relacionados a visão de mundo que remete para o campo metafísico, cosmológico e ontológico, cujas expressões materializam em valores, estilo de vida e disposições morais e éticas (GIUMBELLI, 2007: 208), mas, sobretudo, compreendermos as forças religiosas como elementos constitutivos do tecido político. Em geral, as crenças religiosas se manifestam nas Igrejas que são corpos dotados de organização que possui mais de um traço em comum com a sociedade política. Segundo Aline Coutrot, enquanto corpos sociais, “as Igrejas difundem um ensinamento que não se limita às ciências do sagrado e aos fins últimos do homem. Toda a vida elas pregam uma moral individual e coletiva a ser aplicada hic et nunc” (2003: 334).

Todavia, a primeira parte deste trabalho, veremos que o protestantismo de missões foi responsável pela expansão e consolidação da fé protestante, em particular, a fé batista no Brasil. Para tal, analisaremos o *modus operandi* das organizações e missionários batistas – suas estratégias políticas e atividades proselitistas. Em via de regra se fixavam inicialmente em uma capital de um estado (escolhido por eles mesmos), e ali permaneciam até fundarem uma igreja batista local, para só então seguirem adiante. Esse foi o caso das primeiras igrejas fundadas no Brasil que visavam um público exclusivamente brasileiro - as Primeiras Igrejas Batistas de Salvador, de Maceió, de Recife e do Rio de Janeiro. Essas

igrejas viriam a ter o importante papel na continuidade ao processo de expansão da fé batista, vindo a serem “igrejas mães” de muitas outras igrejas, como, por exemplo, a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro (PIBRJ).

Em um segundo momento, daremos enfoque especial ao contexto político no qual se deu ao trabalho missionário realizado na cidade do Rio de Janeiro, resultando na fundação da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro (PIBRJ). Buscamos traçar o perfil religioso da população à época da chegada dos missionários norte-americanos; identificamos como o contexto influenciou de alguma forma, no rápido sucesso de sua atividade missionária na cidade. Abordamos também as estratégias políticas assumida pela PIBRJ na continuidade da evangelização missionária nas regiões vizinhas à capital fluminense e no interior do estado, fosse pela atuação direta de seus membros, fosse através do socorro logístico e financeiro dado a pequenos agrupamentos de crentes em regiões em que ainda não tinham uma igreja batista local, como o caso da Primeira Igreja Batista de Barra do Piraí (PIBBP).

Por fim, através de um estudo de caso, analisamos as estratégias políticas e missionárias para a inserção, expansão e consolidação da fé batista em Barra do Piraí, interior fluminense, no início do século XX. Para isso, utilizaremos de diversas fontes documentais, a saber: O Jornal Batista, o Informativo do Jubileu da PIBBP e o Breve Levantamento Histórico da Igreja Batista de Barra do Piraí, 1914 a 1954. A partir delas, observamos a criação de um espaço associado ao sagrado iniciado por particulares voltados a fé batista. Porém, as relações sociais estabelecidas com membros da região e de outras igrejas, percebe-se que o espaço já constituído de significação simbólica e identitária submete-se as intervenções de autoridades religiosas interessadas na expansão da fé no interior fluminense. Dito isso, as declarações e iniciativas das autoridades religiosas, observa-

das pelos jornais, demonstram as forças religiosas exprimindo-se no seio de um regime social leigo e secularizado.

A chegada do Protestantismo no Brasil oitocentista

A partir do século XIX o movimento protestante de imigração começou a se tornar presente devido a entrada de alemães, suíços e ingleses no território brasileiro. Este protestantismo “(...) corresponde à época em que comerciantes residentes, viajantes, diplomatas e grupos imigrantes originários de países protestantes, organizaram capelas e mantiveram a fim de atenderem às suas necessidades espirituais”, afirma Marli Geralda Teixeira (1975: 30). Neste período nasceram as primeiras igrejas luteranas e anglicanas cuja missão era prestar serviço religioso aos imigrantes supracitados (SILVA, 2006: 16). Entretanto, a partir da segunda metade do século XIX houve uma organização de missionários vinculados a certas denominações protestantes norte-americanas com objetivo de expandir a fé reformada pelo mundo através de cruzadas missionárias. Neste intuito, vários missionários e pastores partiram dos Estados Unidos em direção a regiões de todo mundo, incluindo o Brasil. A partir da segunda metade do século XIX vieram nomes conhecidos das igrejas protestantes brasileiras como James C. Fletcher (1823-1901), Robert R. Kalley (1809-1888), Ashbel G. Simonton (1833-1867), Alexander L. Blackford (1829-1890), entre outros. O objetivo desse protestantismo de missão já era o de propagar a crença na língua portuguesa, agregar novos convertidos e consolidar essas igrejas protestantes no território nacional (FEITOZA, 2010: 02).

No entanto, para entender a complexidade do fluxo imigratório dos protestantes precisamos contextualizar o momento cultural e histórico em que esses fenômenos se sucederam no Brasil Oitocentista. No início do século XIX, ocor-

reu a vinda da Família Real para o território brasileiro, tornando-o o centro administrativo da Coroa Portuguesa (OLIVEIRA, 2012: 03). A vinda da Corte com o enraizamento do Estado português no Centro-Sul deu início a transformação da colônia em metrópole interiorizada (DIAS, 2005: 19). Este fato foi “marcante para a entrada de estrangeiros e suas crenças”, afirma Angelo Adriano Faria de Assis (2012: 24). Mas, a presença protestante estava limitada ao comércio no Rio de Janeiro, que contava com mais de vinte empresas operando na cidade, ainda que houvesse no país um grande número de viajantes, cientistas e artistas desde o século XVIII (TRESPACH, 2014: 15).

Outro fator que contribuiu para a vinda de estrangeiros, em especial, os missionários, para o Brasil foi o “aviltamento religioso ocorrido na Europa no final do século XVIII e que se difundiu pelos Estados Unidos na virada do século XIX” (SILVA, 2006: 17). Na Nova Inglaterra, o pastor Lyman Beecher (1775-1863) e demais evangélicos estabeleceram uma rede de sociedades missionárias, “cujo intuito era espalhar os ensinamentos de Cristo pelas mais remotas partes do mundo” (KARNAL, 2007: 120). Por sua vez, a assinatura do Tratado de Aliança e Amizade, e de Comércio e Navegação, firmado com a Inglaterra, em 1810, foi o ponto de partida para a introdução e aceitação do protestantismo no Brasil e que a partir desse momento, a liberdade de consciência e culto, permitindo igrejas protestantes com aparência discreta (ASSIS, 2012: 24). Elizete da Silva menciona que “os britânicos estabeleceram a Igreja Anglicana no Rio de Janeiro, a Christ Church, lançando a pedra fundamental do seu templo em 1819” (SILVA, 2006: 15). Não se pode esquecer que a política migratória brasileira também contribuiu para a diversificação do quadro religioso.

Buscava-se resolver o problema da mão de obra, composta em grande parte por escravos, e os imigrantes eram uma alternativa viável. A colônia de São Leopoldo, criada em 1824 no Rio Grande do Sul, compunha-se de católicos e protestantes, especialmente luteranos da Alemanha. Outras colônias alemãs se instalaram em Santa Catarina, Paraná,

Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. (...) (SILVA, 2006: 15-16).

Desde a época da Independência (1822), o projeto de imigração já estava nos planos dos intelectuais e políticos brasileiros. Entre 1808 e 1822, o jornal *Correio Braziliense*, editado em Londres, fruto do esforço do jornalista Hipólito da Costa (1774-1823) “advogava para o Brasil um modelo de colonização baseada na pequena propriedade e no trabalho familiar” (ELIAS, 2005: 14). Segundo Rodrigo Elias haveria três motivos, “ocupação do território; necessidade de soldados para garantir a posse do país; e o estímulo ao trabalho livre, considerado superior ao escravo, conforme os princípios iluministas” (2005: 14). No entanto, a primeira expressão do protestantismo missionário teve início com a chegada de americanos ao Rio de Janeiro, na década de 1830. A estratégia missionária não consistia em evangelizar as diversas comunidades brasileiras nem expandir o ministério, “(...) mas percorrer o Brasil, distribuir Bíblias e observar o cenário sociocultural do Brasil” (CARNEIRO; VILELA, 2021: 75). O pastor metodista Fountain Pitts (1808-1874), enviado pela Conferência do Tennessee para avaliar as condições de instalação de um trabalho missionário da igreja metodista estadunidense em Montevideo, em Buenos Aires e no Rio de Janeiro (FEITOZA, 2010: 25).

O metodista Daniel P. Kidder foi enviado como agente da Sociedade Bíblica Norte-Americana ao Rio de Janeiro, onde criou a primeira escola dominical no Brasil, permanecendo no Brasil de 1835 a 1840. De volta aos EUA, publicou *Sketches of residence and travel in Brazil* (Reminiscências de viagens e permanência no Brasil), livro em que relata suas observações de viagem (FEITOZA, 2010: 26).

Percebe-se que o protestantismo brasileiro foi fruto de uma estratégia política missionária norte-americana. Segundo Marcos Teixeira Leite, “Os batistas chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX e não estavam sozinhos, outras denominações também começaram a enxergar o Brasil como um campo

missionário” (2015: 20). O contexto político e social dos Estados Unidos contribuiu igualmente para a expansão protestante. Segundo Elizete da Silva “dentre os 10 mil sulistas que deixaram os Estados Unidos após a Guerra de Secessão (1861-1865), cerca de 2 mil se radicaram no Brasil” (2006: 16). Para Ângelo Adriano Faria de Assis, “muitos vieram em busca de refúgio e de terras. Incentivavam e financiavam a expansão de missões, enxergando no Brasil uma seara fértil para a conversão. Fundaram templos presbiterianos, batistas e metodistas” (2012: 25).

As posturas e concepções protestantes norte-americanas apresentavam a ideia que existiam povos escolhidos e abençoados por Deus, passariam a povoar o imaginário coletivo da nação que se acreditava eleita para um destino glorioso (KARNAL, 2007: 125). A concepção do Destino Manifesto, seria a missão de espalhar a concepção de sociedade levando a democracia, o protestantismo e os valores ocidentais as regiões consideradas carentes (SILVA, 2006: 17). Na obra clássica *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Max Weber enfatiza que o protestantismo teria criado pré-condições psicológicas, pois exigia o ascetismo e a disciplina de todos os fiéis, inclusive no trabalho, que se tornaram as bases dos “valores que propiciaram o desenvolvimento do capitalismo, porque racionalizaram, organizaram o cotidiano” (NUNES, 2007) (MARIZ, 2007). Mas, foi a partir da Convenção Batista do Sul, mais especificamente de sua Junta de Missões Estrangeiras – conhecida por Junta de Richmond – que foram enviados os primeiros missionários batistas ao solo brasileiro.

O primeiro a chegar ao Brasil foi Thomas Jefferson Bowen, o qual trabalhou no Rio de Janeiro entre os anos de 1860 e 1861. Seu trabalho não foi bem sucedido e, retomando à América do Norte, levou consigo um relatório desanimador sobre o Brasil, de modo que a Junta de Richmond decidir excluir a América do Sul como campo missionário (WANDERLEY, 2005: 16).

Em meados do século XIX, o Brasil passou a somar condições que o tornaram um país atraente a europeus e norte-americanos, especialmente, para a imigração. Entre estas condições, destacam-se a cessação do tráfico em 1850; a instalação da rede ferroviária, iniciada em 1852; as tentativas de industrialização e o desenvolvimento do sistema de crédito (COSTA, 1999: 251). Rodrigo Elias menciona que em “(...) São Paulo chegou a ter, em 1857, cerca de sessenta colônias de imigrantes, sobretudo alemães e suíços” (2005: 15). O pastor congregacionista Robert R. Kalley (1809-1888) organizou no Rio de Janeiro a primeira igreja protestante em língua portuguesa, a Igreja Evangélica Fluminense, em 1858 (SILVA, 2006: 17). Em 1862, o pastor presbiteriano americano Ashbel G. Simonton (1833-1867) estabelecido na cidade carioca, organizou a primeira Igreja Presbiteriana do Brasil, e fundou a Imprensa Evangélica, primeiro jornal evangélico do Brasil, em 1864 (CANEIRO; VILELA, 2021: 75).

Entre 1865 e 1868 imigraram perto de 3 mil sulistas, ex-confederados, para o Brasil (WANDERLEY, 2005: 15). Em 1866, o jornal O Apóstolo dizia que “desde nossa emancipação política têm emigrado para o Brasil milhares de protestantes, que, ou formando colônias, ou vivendo nas grandes e pequenas cidades, têm muito augmentado e prosperado” (O APOSTOLO: 1866). Assim, muitas famílias compostas por metodistas, presbiterianas e batistas fundaram colônias no Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Pará, sendo a mais próspera delas, na região que viria a ser o município de Santa Bárbara do Oeste (PEREIRA; DE SÁ, 2018: 153) (WANDERLEY, 2005: 15). Segundo Wanderley “os colonos batistas organizaram em Santa Bárbara d’Oeste duas igrejas de língua inglesa: A Primeira Batista, a 10 de setembro de 1871, e a Igreja Batista da Estação, a 2 de novembro de 1879” (WANDERLEY, 2005: 16) (TEIXEIRA, 1975: 33). Em 1865, o presbiteriano

Alexander L. Blackford (1829-1890) converteu a fé protestante o ex-padre José Manoel da Conceição (1822-1873), considerado pela historiografia o primeiro pastor brasileiro evangélico (PAULA, 2006: 27).

Estimular a imigração, fundar igrejas, obter prosélitos, entre outras estratégias políticas foram adotadas pelos grupos missionários protestantes, incluindo a construção e manutenção de instituições de ensino. Dentre tais instituições, podemos citar a Escola Americana, criada em São Paulo pelos presbiterianos, em 1870. Em 1878, o jornal Imprensa Evangelica noticiava a passagem do Imperador pela instituição educacional.

(...) S. M. o Imperador, acompanhado dos Srs. Conde de Iguassú, Barão de Maceió, conselheiro Sinimbu e presidente da província, visitou varias escolas, entre as quaes muito apreciou a escola americana, creada em S. Paulo por uma associação presbyteriana, sendo director o Rev. J. Beatty Howell, declarando Sua Magestade ser a primeira d'aquelle gênero que ve no Brazil (IMPRESA EVANGÉLICA, ANO XIV: 1878).

Apesar desses avanços, vários apelos por parte das lideranças protestantes, inclusive do pastor Richard Ratcliff (1831-1912) - organizador da primeira igreja batista no Brasil - à Convenção Batista do Sul, “a necessidade de enviar pessoas para trabalhar especificamente na evangelização, pois os colonos não tinham disponibilidade de pessoas e recursos para esta tarefa”, afirma Márcio José de Oliveira Rocha (2012: 03). Neste sentido, a Junta de Richmond enviou um grupo de missionários batistas como o casal William B. Bagby (1855-1939) e Anne L. Bagby (1859-1942), em 1881 (SILVA, 2011: 15), e outro casal de missionários – Kate Stevens C. Taylor e Zachary C. Taylor, em 1882. Após se reunirem em Campinas, a instrução da Junta de Richmond “(...) exigia que fosse logo estabelecidas as bases do evangelismo” (TEIXEIRA, 1975: 35). Diante disso, eles decidiram iniciar os trabalhos de evangelização na cidade de

Salvador. A escolha se deu, principalmente, por ser a segunda maior cidade do país – com mais de 200 mil habitantes -, e por contar com apenas dois missionários presbiterianos no local (WANDERLEY, 2005: 18). Em agosto de 1882, eles chegaram a Salvador e dois meses depois fundaram a Primeira Igreja Batista da Bahia (ALVES, 2020: 16).

Em janeiro de 1883, em um relatório prestado à Convenção Batista do Sul dos EUA, constava que os cultos eram frequentados por dezenas de pessoas e que era perceptível o crescimento da influência da igreja sobre a população local, a ponto de começarem as reações por parte da Igreja Católica, cujos sacerdotes advertiam o povo para não frequentarem os cultos (ALVES, 2020: 18). Em setembro de 1883, o jornal Gazeta da Bahia publicava um artigo chamado palestras familiares sobre o protestantismo d’hoje. Nele observa-se uma campanha aberta contra o protestantismo;

Os protestantes são homens que Deus ama, como ama todos os homens; e o protestantismo é uma revolta contra a verdade, revolta que Deus detesta e amaldiçoa na terra, como detesta e amaldiçoa no céu a revolta de seus anjos rebeldes. Devemos amar os protestantes e detestar o protestantismo, como devemos amar o pecador e detestar o pecado. (...) O protestantismo é uma doutrina enganadora: guerra ao erro (GAZETA A BAHIA, ANNO V: 1833).

Em julho de 1884, o casal Bagby foi para o Rio de Janeiro, que então tinha pouco mais de 400 mil habitantes. Instalaram-se em uma pensão de propriedade de uma senhora inglesa que lhes permitiu realizar os cultos em uma das salas de visitas do prédio. Os cultos, a princípio, foram realizados em inglês. No mês seguinte à chegada dos missionários à cidade, eles fundaram a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, no dia 24 de agosto de 1884. Esta foi a segunda igreja batista fundada pelo grupo de missionários americanos, visando a evangelização de brasileiros (ALVES, 2020: 19).

A partir do ano de 1885 os esforços dos missionários se concentraram na região nordeste do país. Em 17 de maio daquele ano foi fundada a Primeira Igreja Batista de Maceió, que a princípio ficou sob a direção do missionário Antônio Teixeira de Albuquerque. No ano seguinte, foi fundada a Primeira Igreja Batista de Recife. Tanto a igreja de Maceió, assim como a igreja do Recife foram deixadas sob a direção de brasileiros, com pouco tempo de conversão, e, portanto, não haviam sido ordenados ao ministério pastoral. Isto fez com que o missionário Zachary Taylor intensificasse os apelos e reclamações à Convenção Batista do Sul dos EUA para que providenciasse recursos financeiros para a preparação de pastores locais (ALVES, 2020: 19). Todavia, no final do Império o movimento missionário batista estava consolidado na sociedade brasileira;

A Missão Batista Brasileira contava com 8 igrejas e 312 membros ao final do Império. Colégios foram organizados em Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Recife, como verdadeiros instrumentos de evangelização ou busca de aceitação entre as classes mais altas, tradicionalmente católicas. Uma tipografia funcionava nas dependências do templo, em Salvador. Publicou folhetos, o jornal Eco da Verdade, mais tarde A Nova Vida e a obra A Origem dos Batistas de H. Ford, sob a direção do Reverendo Taylor (SILVA, 2014: 68).

Assim, o início dos trabalhos missionários protestantes, assim como os batistas no Brasil, foi marcado por estratégias políticas de expansão da fé através das instituições religiosas como a Sociedade Bíblica Norte Americana ou a Junta de Richmond, na segunda metade do século XIX. Percebe-se que o protestantismo de missão ganhou relevância no cenário nacional brasileiro, através da organização entre metodistas, presbiterianos e batistas, em meados dos Oitocentos. A difusão da fé protestante estava ligada aos dogmas, mas, sobretudo, as ideias de progresso e evolução, típicas do século XIX. Os missionários americanos convencidos de sua superioridade política e moral, acreditavam ter uma missão a

cumprir junto aos povos, em especial, os latinos. A expansão protestante também foi um processo de formulação e tomadas de decisões políticas, em sua coletividade, visando alcançar determinados objetivos, como as igrejas do Rio de Janeiro, Bahia, Maceió e Recife. Todavia, no próximo subcapítulo analisamos as estratégias adotadas pelos batistas para a expansão da fé na cidade do Rio de Janeiro e adjacências, durante a Primeira República.

O protestantismo na Primeira República: os batistas no Rio de Janeiro

A fundação da Primeira Igreja Batista no Rio de Janeiro, se deu através dos esforços missionários do pastor William Buck Bagby (1855-1939) e de sua esposa, em agosto de 1884. Logo após participarem da fundação da Primeira Igreja Batista de Salvador, o casal mudou-se para o Rio, com o propósito de difundir a fé batista na cidade. Os anos iniciais da igreja foram um período de grandes transformações institucionais, “(...) a igreja se reuniu em cinco lugares diferentes” (OLIVEIRA, 2021: 74). Somente em 1895 que a igreja teria o seu primeiro templo na Rua de Sant’Anna, nº 25. O endereço só mudaria para um novo destino na Rua Frei Caneca, em 1927 (OLIVEIRA, 2021: 74). Todavia, meses antes da igreja completar quatro anos de fundação foi assinada a Lei Áurea (1888) e no ano seguinte foi proclamada a República brasileira. O historiador José Murilo de Carvalho em seu artigo os três povos da República nos revela que os primeiros anos do novo regime foram marcados por muitas tensões sociais, políticas e econômicas que refletiam as divergências ali existentes quanto aos caminhos do país dentro desse novo sistema político (2003). Tais acontecimentos tiveram influência sobre a cidade e nos trabalhos missionários da igreja,

no que diz respeito ao seu *modus operandi* e também quanto resultados destes (SANTOS, 2010: 109).

Com a abolição da escravatura e o advento do novo regime, o Rio de Janeiro passou a receber um enorme contingente de negros libertos e imigrantes oriundos das fazendas cafeeiras do estado do Rio de Janeiro que viam na cidade um local de oportunidades de trabalho. Entre 1872 e 1890, a população passou de 266 mil a 522 mil habitantes. Em 1890, a população nascida no exterior era de 28,7%, enquanto 26% provinham de outras regiões do Brasil, restando apenas 45% da população nascida na cidade carioca (CARVALHO, 2004: 16-17). No entanto, Emília Viotti da Costa afirma que “a maioria da população negra permaneceu numa posição subalterna sem nenhuma chance de ascender na escala social” (1999: 366). O novo regime não promoveu qualquer integração social dos antigos escravizados e seus descendentes. Longe disso, foi tomada uma série de medidas que marginalizavam e reprimiam estas populações (SALLES; SOARES, 2005: 121). Muitos intelectuais, liberais e militares partilhavam ideais racistas e cientificistas, identificavam nos negros e mestiços um atraso no avanço civilizatório do país, afirma Lilian Schwarcz (2021: 55). Este cenário, fez com que aumentasse o contingente de pessoas a serem potencialmente convertidas à fé batista, ao mesmo tempo que transformou a cidade, em especial, a sua periferia.

(...) no período 1870/1890 ocorreu uma extraordinária expansão da população da cidade. Em 18 anos, com efeito, ela cresceu 90%, a taxa anual aritmética de 5,0% e geométrica de 3,6%, ritmo de crescimento que não mais se repetirá até 1933. Observa-se também que o crescimento do parque domiciliar foi inferior ao da população, expandindo-se em 62% no período, à taxa geométrica de 2,6% por ano. Consequentemente, como a velocidade de crescimento populacional foi amplamente superior à domiciliar (predial), houve uma deterioração das condições habitacionais (...) (RIBEIRO, 2015: 169).

As consequências do advento da República também trouxeram consigo efeitos positivos, sobretudo, no crescimento dos batistas naquele período. Por exemplo, em 1900 foram postas em circulação 5.603 Bíblias, 15.243 Novos Testamentos e 30.554 Evangelhos; um total de 51.400 volumes (JORNAL BATISTA, FEVEREIRO: 1901). Com a mudança na forma de governo, da Monarquia para República, foi necessário que tivéssemos uma nova Constituição. O modelo brasileiro teve influências diretas da Carta Magna dos EUA. Sendo assim, enquadrava o Brasil na “tradição liberal norte-americana de organização federativa e do individualismo político e econômico” (RESENDE, 2008: 93). E assim, a Constituição promulgada em 1891, transformou o Brasil de um Estado Confessional em um Estado Laico. A nova Lei retirou da Igreja Católica o status de religião oficial e regulou a expressão religiosa dos cidadãos brasileiros. Na Sessão II Declaração de Direitos, em especial, no artigo nº 72 diz: “Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum” (BRASIL: 1891). Paradoxalmente, o novo regime impossibilitou parcela da sociedade de ter direito em professar livremente sua religiosidade sem estar infringindo as leis. O Código Penal de 1890, inseriu o espiritismo como um crime contra a saúde pública (DEL PRIORE, 2014: 155).

De todo modo, os batistas, e as demais denominações protestantes, saíram da clandestinidade e da ilegalidade e ganharam o direito ao pleno e livre exercício de suas crenças e práticas religiosas. Em 1892, o jornal Imprensa Evangélica publicava livremente os lugares de culto na capital federal, a saber: “Egreja Presbyteriana – Rua do Club Gymnastico, 15; Egreja Evangélica Fluminense – Rua Larga de S. Joaquim, 179; Egreja Methodista – Largo do Catete” (IMPRESA EVANGÉLICA, 1892). Em janeiro de 1901, na edição nº 04, o Jornal

Batista exalta o crescimento das igrejas batistas no país em 36, cujo total de crentes elevou-se para dois mil. Logo, “durante o anno findo, foram organizadas mais 10 novas egrejas e baptisados perto de 500 novos crentes em Jesus” (JORNAL BATISTA, JANEIRO: 1901). Se por um lado os batistas foram beneficiados ao passarem para a legalidade, podendo evangelizar livremente e verem seu campo missionário crescer; por outro lado, novos desafios surgiram em razão das transformações ocorridas no início do XX. A noção de progresso, modernização e enriquecimento capitalista associou-se as figuras do fazendeiro e do industrial, ambos como “progressista e promotor da modernidade do país, justo que tenha o mando político da nação” (ARIAS NETO, 2008: 193).

Até então, as disputas pelos fiéis era primordialmente travada contra a Igreja Católica - era a religião de maior influência e com o maior número de adeptos -, mas o afluxo cada vez maior de migrantes e de negros livres vindos do interior do estado, provocou o aumento tanto do número de religiões protestantes como de terreiros de umbanda pela cidade (PRANDI, 1996: 68-69). Estes últimos, principalmente, em áreas marginalizadas da cidade.

A experiência do sagrado no Brasil republicano diversificou-se deslocando seu centro da Igreja Católica enquanto instituição matriz única do sentido religioso. O protestantismo fez parte desta diversificação paralelamente a outras expressões religiosas, como as novas expressões dos cultos afro-brasileiros (umbanda) e o espiritismo. Uma manifestação religiosa evangélica que contribuiu diretamente para tal diversificação foi o movimento pentecostal (SANTOS, 2010: 111).

Sobre este cenário, vale destacar as impressões do escritor e jornalista João do Rio, para quem o Brasil não era tão “essencialmente católico” como se poderia imaginar e que assim registrou suas impressões sobre o mosaico de cultos presentes na vida urbana da capital da República, em seu livro *As Religiões do Rio*. Segundo autor, “a cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer es-

quina, interrogar. (...) O Rio, como todas as cidades nestes tempos de irreverência, tem em cada rua um templo e em cada homem uma crença divina” (1976: 01). As palavras do jovem jornalista descreviam “espíritas, cartomantes e até um frei exorcista do morro do Castelo, além de pais de santo, sonâmbulas, endemoninhadas e quanto mais houvesse” (DEL PRIORE, 2014: 17). No entanto, a produção literária do jovem cronista carioca estava permeada por ideias racistas e evolucionistas, como muitos de seus contemporâneos (FARIAS, 2010: 244-245).

Neste contexto carioca, a Primeira Igreja Batista soube adaptar-se às novas dinâmicas sociais e políticas e pôs em prática uma série de estratégias de evangelização, tais como: a publicação de anúncios de seus cultos em periódicos confessionais e seculares; a distribuição de folhetos evangelísticos pelas ruas da cidade; as pregações ao ar-livre; e os encontros da Escola Bíblica Dominical (OLIVEIRA, 2021: 05). Em 1910, foi possível perceber anúncios dos cultos da PIBRJ publicados no Almanak Laemmert – um dos periódicos seculares mais difundidos na época. Nele anunciava: “Reuniões aos domingos, às 10 horas da manhã; estudo da Bíblia, às 11 horas da manhã e às 7 horas e 30 minutos da noite, pregação evangélica” (1910: 50).

À todas estas iniciativas, somaram uma ainda mais eficaz, a organização de pontos de pregação. Estes eram locais, geralmente, a casa de um membro, situados em bairros mais distantes da sede da igreja, onde eram realizados cultos evangelísticos e reuniões de oração. Esses espaços de orações, entendidos neste trabalho como “células”, possuem a função de difundir a mensagem cristã de uma forma impessoal e descentralizada. Dessa forma, as células tiveram a “função de alcançar as pessoas mais distantes da Igreja, consolidando-as por meio de uma rede de difusão da mensagem evangélica” (LIMA; BAHIA; COSTA, 2019: 195). Por outro lado, Pierre Bourdieu menciona que uma vez o trabalho religioso

se concentra nas mãos de produtores especializados, apenas estes possuem o conhecimento das normas e rituais, tornando os demais apenas consumidores do serviço religioso (OLIVEIRA, 2011: 183). Nesta relação entre agentes religiosos e leigos;

A língua não é só um instrumento de comunicação ou conhecimento, mas de poder. Não procuramos somente ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados e reconhecidos. Daí a definição completa da competência como direito à palavra, à linguagem legítima como linguagem autorizada, de autoridade (ORTIZ, 2013: 148).

Uma vez que o número de visitantes crescesse, a igreja alugava um espaço maior e mudava o local do ponto de pregação, que passava a receber o nome de “Congregação”. Mais à frente, em um último estágio do trabalho evangelístico e a depender da capacidade de sustento do grupo, a Congregação poderia receber o status de igreja local, desvinculando-se da “igreja mãe” e conquistando sua autonomia administrativa. Esta estratégia foi a responsável direta, não apenas pelo crescimento numérico da igreja, mas, sobretudo, pela fundação de outras igrejas pela cidade e regiões vizinhas.

O ativismo dos batistas em todos os segmentos da sociedade carioca durante as primeiras décadas da República foi responsável por criar um discurso positivo e progressista em relação às demais religiões. Uma coisa em comum, segundo David Gueiros Vieira, une os vários segmentos protestantes, a ideia de “progresso (isto é, desenvolvimento técnico e industrial) era monopólio das nações protestantes, e constantemente espalhavam essa doutrina pelo Brasil e fora” (1929: 51). Em janeiro de 1910, o Jornal Batista, na edição nº 4, menciona que Cristo foi um operário dedicado ao trabalho, e no evangelho ensinou o homem ser aplicado nos negócios, “(...) previdente nos planos e econômico nas transações, reprovando clara e severamente a preguiça” (JORNAL BATISTA, JANEI-

RO: 1910). Este discurso teológico moralizante em favor do trabalho produtivo teve recepção nas classes sociais e foi determinante para o seu crescimento vertiginoso (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002: 43). Tal fato, contribuiu para a sua conquista de um espaço expressivo na sociedade carioca. Dessa forma:

Os estratos mais baixos e médios acolheram a fé protestante na sua ênfase na salvação, na Bíblia como escritura sagrada e na simplicidade do ritual de culto. As conversões aconteciam pela via de uma mensagem que propunha mudança da moral e dos costumes e a apropriação de outro modo de experimentar o sagrado, diferenciado das práticas católicas, africanas e indígenas. Além disso, o discurso do protestantismo apontava para o desejo de ascensão social pela incorporação de uma ética mais adequada ao curso das transformações capitalistas. As elites, por sua vez, se aproximaram do protestantismo como instrumento também de ascensão e status social, sobretudo pelos colégios protestantes, considerados avançados em termos de propostas pedagógicas do período. A propaganda protestante ajustava-se aos outros discursos correntes no período como a modernidade, a civilização, a higienização, a ciência e a tecnologia. Esta adesão fazia parte da estratégia de construir sentidos e identidades numa sociedade sujeita a rápidas mudanças na direção da modernização e da urbanização. Estes sentidos foram sendo estabelecidos e sedimentados no transcorrer do período histórico da primeira República (1889-1930) (SANTOS, 2010: 109).

Essa capacidade de cooptar seguidores em todas as camadas da sociedade - quebrar barreiras sociais, econômicas e raciais - e de reunir pessoas completamente distintas, sob o discurso de valorização da fé, do trabalho e do progresso, foi o grande diferencial dos batistas daquele período. Isso, pode servir-nos como termômetro para aferirmos o enorme crescimento deste segmento protestante na cidade do Rio de Janeiro, durante a República. A análise dos dados referente as profissões das mulheres que frequentavam a PIBRJ mostram a diversidade das classes sociais e ocupações funcionais, em 1931. No universo de amostragem de 115 pessoas, 57% das mulheres possuíam como ocupação a função de doméstica, costureira e/ou operária (OLIVEIRA, 2021: 100). Dito isso, o ativismo batista serve-nos como indicativo do alcance dos trabalhos dos missionários, mem-

bro da igreja e da aceitação de seus credos por diversos seguimentos da sociedade da época (CRUZ; SOUZA, 2019). Isto nos remete, mais uma vez, as narrativas de João do Rio, às quais nos reportamos. Assim, a assistência de um culto batista, o jornalista assim escreveu:

Pelos bancos uma sociedade complexa, uma parcela de multidão, isto é, o resumo de todas as classes. Há senhoras que parecem da vizinhança, em cabelo e de matine é, crianças trêfegas, burgueses convictos, sérios e limpos, nas primeiras filas, operários, malandrins de tamanco de bico revirado, com o cabelo empastado em cheiros suspeitos, soldados de polícia, um bombeiro de cavanhaque, velhas pretas a dormir, negros atentos, uma dama de chapéu com uma capa crispante de lentes-joulas, cabeças sem expressão, e para o fim, na porta, gente que subitamente entra, olha e sai sem compreender. O templo está cheio (RIO, 1976: 44).

As tabelas abaixo contabilizam os resultados dos esforços missionários batistas nos primeiros anos do século XX. Na primeira tabela estão listados os pontos de pregação que foram abertos entre os anos de 1900 e 1925. Enquanto a segunda tabela intitulada As igrejas organizadas pela Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, encontramos as igrejas que foram fundadas entre 1900 e 1920. A maioria delas eram pontos de pregação que cresceram e tornaram-se igrejas e outras foram fruto de trabalhos missionários empreendidos pela Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro em outros municípios, tais como: Niterói, Campos e Barra do Piraí. Na tabela 02, observa-se que para Niterói, foram cedidos membros que juntos com os 18 integrantes de uma congregação local, fundaram a Primeira Igreja Batista de Niterói. Enquanto para a fundação da igreja na cidade de Campos, a Primeira Igreja Batista do Rio contribuiu financeiramente; e, por fim, para a fundação da Primeira Igreja Batista de Barra do Piraí. Segue abaixo a Tabela 01 de Pontos de Pregação da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro entre os anos de 1900 e 1925.

Tabela 01: Pontos de Pregação Abertos pela Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro entre 1900 e 1925.

Ano	Número de pontos abertos	Locais
1900	3	Engenho de Dentro, Santa Cruz, Madureira
1905	4	Madureira, Morro da Formiga, Vila Isabel e Santo Cristo.
1910	7	Madureira, Laranjeiras, Vila Isabel, Catumbi, Tijuca, Cidade Nova e São Cristóvão.
1915	6	Bonsucesso, Tijuca, Morro da Providência, Ricardo de Albuquerque, Ramos e Cidade Nova.
1920	3	Morro da Providência, São Januário e Ricardo de Albuquerque.
1925	5	Frei Caneca, Parada de Lucas, São Januário, Santa Teresa e Cidade Nova.

Fonte: OLIVEIRA, op. cit., 2021. p. 7.

Podemos verificar na tabela 02, que as igrejas foram fundadas com uma quantidade baixa de membros, o que pode ser um indicativo de que a Primeira Igreja Batista do Rio priorizasse a fundação de novos pontos de pregação, mesmo que isso significasse dar autonomia as igrejas com pouca estrutura e capacidade de auto administração. No entanto, o surgimento e crescimento das igrejas formam uma espécie de rede social, cujos vínculos existentes ramificam-se através de toda comunidade e/ou organização, onde uma série de conexões são estabelecidos entre os atores sociais (SANTOS, 1989: 137 e 141). Nesse processo de intercâmbio entre membros e igrejas também criou uma distinção entre “indiví-

duos e grupos em termos de acesso relativo aos produtos valorados, gerando diferenciações de poder, prestígio e privilégio” (COOK, 2003: 482).

Tabela 02: As igrejas organizadas pela Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro entre 1900 e 1920.

Igreja	Data	Membros da PIBRJ cedidos
Niterói	20/12/1900	18
Engenho de Dentro	12/06/1901	21
Ilha do Governador	25/12/1908	39
Catumbi	25/12/1911	26
Madureira	31/12/1911	42
Laranjeiras	24/02/1912	38
São Cristóvão	26/08/1913	13
Bonsucesso	15/03/1916	42
Barra do Pirai	18/02/1917	20
Tijuca	05/11/1918	27
Ricardo de Albuquerque	14/07/1920	32
Total		318

Fonte: OLIVEIRA, op. cit., 2021. p. 11.

Desta forma, a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro teve um papel de destaque na continuidade na implantação da fé batista no Brasil. Observa-se que nas duas primeiras décadas do século XX, a estratégia política de multiplicação dos pontos de pregação e igrejas na cidade carioca e regiões circunvizinhanças. O advento da República trouxe benefícios para uma parcela significativa de religiões, incluindo os protestantes, dado que a liberdade de culto estimulou o avanço missionário batista na capital carioca. A Primeira Igreja Batista do Rio, apesar de sua membresia ser constituída na maioria por pessoas pobres e sem expressão na sociedade como imigrantes, operários, negros e domésticas, foi capaz

de atuar com um centro irradiador de sua fé, contribuindo decisivamente para a consolidação de sua denominação como um dos segmentos protestantes mais importantes no país. Tudo isso através de agressivo e estratégico trabalho missionário, responsável pela implantação de igrejas pelos bairros da cidade do Rio de Janeiro, financiando trabalhos missionários em diversas localidades e enviando missionários para outras cidades, onde novas igrejas foram criadas, como foi o caso da Primeira Igreja Batista de Barra do Pirai.

A construção de um espaço sagrado em Barra do Pirai

O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade distinta do mundo natural. Dito isso, Mircea Eliade enfatiza que “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história” (1992: 28). Esta vivência religiosa materializa-se inclusive no espaço, ou seja, há um espaço sagrado e outros espaços não-sagrados (ELIADE: 1992: 37). A manifestação do sagrado se materializa através das práticas religiosas que criam cultos, “mais ou menos manifesto, sendo o mesmo espacial e temporalmente perceptível” (FICKELER, 2000: 07). Neste sentido, deve entender o espaço como um somatório de significações por meio do qual há uma série de discursos a ele agregado (SOUZA, 2020: 55).

O território é, em realidade, um importante instrumento da existência e reprodução do agente social que o criou e o controla. O território apresenta, além do caráter político, um nítido caráter cultural, especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos, religiosos ou de outras identidades (ROSENDAHL, 2005: 12933).

No que tange a religião, o território torna-se um instrumento importante do exercício da fé e da identidade religiosa. Uma vez que, “do espaço sagrado emana o sentimento de identidade, de pertencimento e de propriedade” (LIMA;

BAHIA; COSTA, 2019: 190). Torna-se necessário compreender que todas as relações sociais estão circunscritas nas multiplicidades dos espaços, seja de forma visível ou simbólica. Logo, as ações de consolidação, apropriação e controle do espaço sagrado, grupos e/ou instituições religiosas se utilizam de práticas específicas, que denominamos de territorialidade. Segundo Zeny Rosendahl significa “o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo” (2005: 12934). Sob o ângulo dessas premissas, analisamos o processo de implantação do credo batista, desde a sua origem à consolidação de um “espaço sagrado” na cidade de Barra do Pirai.

No início do século XX, Barra do Pirai era o maior entroncamento ferroviário do Brasil. A cidade era o ponto de junção dos ramais provenientes do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. Este último, era o ramal de maior valor econômico do país. Em razão disto, muitos funcionários da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCEB), foram transferidos de outras regiões do país para trabalhar e morar na cidade, trazendo na bagagem suas formas de expressão religiosas (ALVES, 2018: 50). Dentre estes trabalhadores, havia o ferroviário José Firmino de Mello, um crente recém convertido à fé protestante oriundo de Barbacena (MG) que chegou à cidade entre maio de 1914 (AIBBP. OLIVEIRA FILHO, 1958: 01) e meados de 1915 (AIBBP. INFORMATIVO, 1992: 04). Essa incerteza cronológica quanto ao momento de sua chegada torna-se um desafio ao historiador e a sua relação crítica com as distintas fontes consultadas. Dito isso, a partir das análises através de vestígios cabe ao historiador, através do método crítico, reconstruir os fatos. Todavia, segundo Marc Bloch, “seria uma ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos” (2001: 80). Quanto mais pesquisa, continua o autor, “menos lhe é per-

mitido esperar a luz a não ser dos raios convergentes de testemunhos muito diversos em sua natureza” (BLOCH, 2001: 80).

Essas fontes relatam que o recém convertido ao protestantismo, José Firmino de Mello, interessado em aprofundar seus conhecimentos sobre a nova doutrina e desejoso de manter comunhão com outros devotos, constatou a inexistência de uma igreja protestante local. Em sua procura, encontrou um membro da Igreja Batista da Ilha do Governador, que também chegara havia pouco à cidade, o sr. Mário Eugênio da Silva. Este instruiu o sr. José F. de Mello na doutrina batista e juntos organizaram um ponto de pregação, que funcionou na residência de Firmino de Mello, localizado na avenida Soares, nº 15. Neste local, eles realizavam cultos dominicais no período da manhã e da noite (AIBBP. OLIVEIRA FILHO, 1958: 01). Segundo Mircea Eliade “tal como a cidade ou o santuário, a casa é santificada, em parte ou na totalidade, por um simbolismo ou um ritual cosmológicos” (1992: 69). Essa iniciativa pioneira e religiosa atraiu a atenção de outras pessoas, inclusive do sr. Leopoldino José Lourenço, que residia na cidade e era membro da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro (PIBRJ). Prontamente, sr. Lourenço se integrou às atividades do grupo no ponto de pregação e juntos foram os responsáveis pela construção de um espaço marcado pela dimensão simbólica através de práticas, discursos e expressões religiosa em Barra do Piraí (AIBBP. INFORMATIVO, 1992: 04).

Deste momento em diante, cada uma das fontes constrói uma narrativa distinta, cujas peculiaridades merecem atenção. O Breve Levantamento Histórico da Igreja de Barra do Piraí, relata que logo após a organização do ponto de pregação, houve um pedido de apoio ao trabalho missionário, por parte de Mário Eugênio da Silva, junto a igreja da Ilha do Governador. Segundo o registro documental, essa igreja juntou esforços com os crentes de Barra do Piraí, vindo mais à frente, a igreja fundadora da PIBBP.

Diante dos resultados positivos que estavam surgindo, o irmão Mário Eugênio vai à sua igreja, na Ilha do Governador, e consegue a promessa daquela igreja, de que visitaria os crentes de Barra do Piraí, de dois em dois meses. Nesse tempo, os irmãos pediram a sua organização em igreja autônoma, no que são atendidos pela Igreja da Ilha do Governador; assim, a 18 de fevereiro de 1918, na presença de numerosa assistência, foi organizada a Igreja Batista em Barra do Piraí, com 32 membros, sendo 12 vindos por cartas de transferência de igrejas no Rio de Janeiro, e 20 constituindo o fruto do trabalho local (AIBBP. OLIVEIRA FILHO, 1958: 01).

Noutro compasso, o Informativo do jubileu da PIBBP, deixa de mencionar por completo o pedido de Mário Eugênio da Silva, à igreja da Ilha do Governador. Esta fonte, nos informa que, após a criação do ponto de pregação, houve um pedido de apoio aos crentes de Barra do Piraí, feito por Leopoldino José Lourenço à sua igreja - a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro (PIBRJ). Neste sentido, a construção e consolidação de um discurso religioso está atrelado ao poder dos agentes sobre um determinado espaço e das práticas para gerir e expandi-lo através de indivíduos e grupos (LIMA; BAHIA; COSTA, 2019: 190). Sendo assim, a direção e participação da PIBRJ nos trabalhos em Barra do Piraí está registrada em seu livro de atas da Assembleia regular realizada em 14/05/1916. O trecho segue abaixo:

Por proposta aprovada, ficou o pastor Dr. Soren, auctorizado a visitar os irmãos Baptistas de Barra do Pirahy, correndo por conta da Egreja, todas as despesas necessárias, tendo o referido Pastor, ampla auctorização para realizar os actos necessários ao trabalho de evangelização n'aquella localidade (AIBBP. INFORMATIVO, 1992: 04).

Em consonância com o relato do Informativo do jubileu da PIBBP temos alguns artigos do Jornal Batista. Nas notícias do periódico observa-se que tratam do apoio prestado pela Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro (PIBRJ) aos crentes em Barra do Piraí, no que tange ao seu projeto de evangelização. Nas publicações do referido jornal houve, inclusive, menções da participação da PIBRJ

na organização da Congregação em Barra do Piraí. A primeira alusão à participação da PIBRJ em Barra do Piraí ocorreu na edição do dia 18/05/1916.

No domingo próximo passado, depois do culto da manhã, a 1ª Igreja Batista recebeu por profissão, 5 candidatos, dos quais 4 da Barra do Piraí, fruto dos esforços do dedicado irmão Leopoldino, que já constitui ali uma Congregação. Se cada crente fizesse assim, o mundo em breve estaria evangelizado e o Senhor viria buscar os seus remidos. No próximo domingo, o Pastor Soren vai visitar, pela primeira vez, esta Congregação (JORNAL BATISTA, MARÇO: 1916).

E mais, na edição de 25 de maio de 1916, do Jornal Batista, ou seja, uma semana após a primeira acima transcrita, encontramos um artigo tratando da visita do pastor da PIBRJ - o Pastor Soren - aos crentes em Barra do Piraí. As ações e declarações das hierarquias religiosas são uma das formas mais perceptível de intervenção da igreja na vida social, afirma Aline Coutrot (2003: 340). Podemos perceber que o Jornal Batista acompanhava as atividades da PIBRJ e de seu pastor, que, naquela época eram figuras representativas da denominação Batista no país.

No domingo próximo passado, o Pastor Soren fez sua projetada visita ao núcleo de crentes residentes na Barra do Piraí, aos quais, teve oportunidade de pregar e organizar em Congregação. Isto teve lugar em casa de uma irmã residente mesmo na Estação, mas os crentes residem realmente na Estação e imediações. Deste trabalho cabe, abaixo de Deus a glória do irmão Leopoldino, que desde que se converteu, há uns dois anos e tanto, tem feito a sua luz brilhar em torno da sua casa e da sua povoação. Quatro congregados deste lugar, já recebidos, serão batizados no templo da 1ª Igreja, no domingo próximo futuro (JORNAL BATISTA, MARÇO: 1916).

Mas, voltando ao Breve Levantamento Histórico da Igreja de Barra do Piraí, encontramos em seu relato a ênfase dada à participação efetiva da Igreja Batista da Ilha do Governador em um trabalho missionário na cidade de Barra do Piraí. Inclusive com alusão à visita do pastor Américo Sena, líder da Igreja da

Ilha do Governador, e, que igualmente ao pastor Soren, dirigente da PIBRJ, também visitou os crentes de Barra do Piraí, na mesma época:

(...) no dia 04 de junho de 1916, são batizados os primeiros 10 batistas de Barra do Piraí; os batismos foram realizados no Rio Paraíba, pelo missionário do campo fluminense, o dr. O. P. Maddox, que tencionava prosseguir na orientação do trabalho, desde que isto seria muito difícil para o Pastor Américo Sena, da Igreja da Ilha do Governador; no entanto, isto não aconteceu, porque o missionário O. P. Maddox transferiu-se para o campo mineiro (AIBBP. OLIVEIRA FILHO, 1958: 01).

As citações acima, apresentam as principais divergências existentes entre as fontes utilizadas neste trabalho – o Informativo do Jubileu da PIBBP e o Breve Levantamento Histórico da Igreja de Barra do Piraí. Cada uma destas fontes atribui à uma igreja diferente, em um primeiro momento o apoio e depois a liderança do trabalho embrionário batista na cidade de Barra do Piraí, que culminou com a fundação da Primeira Igreja Batista de Barra do Piraí (PIBBP). Assim, uma rápida análise destas fontes podemos suscitar um problema de difícil solução para este trabalho historiográfico. No entanto, esse problema é apenas aparente. São essas mesmas fontes, que nos apontam a característica de complementariedade de informações, que possuem entre si, como podemos verificar nos dois parágrafos que seguem.

Primeiro, encontramos no Informativo do Jubileu da PIBBP, assim como, no trecho do Jornal Batista transcrito abaixo, a visita do Pastor Soren, líder da PIBRJ, aos crentes em Barra do Piraí. O relato evidencia o encontro casual entre Soren e o Pastor Américo Sena, da Igreja Batista da Ilha do Governador, que também tinha ido à Barra do Piraí, para apoiar os trabalhos missionários dos crentes locais. Assim, temos registrado que ambas as lideranças - tanto da PIBRJ como da Igreja Batista da Ilha do Governador - haviam sido noticiadas da existência de um núcleo de crentes batistas na cidade de Barra do Piraí. Podemos,

portanto, inferir que tanto Mario Eugênio da Silva quanto Leopoldino José Lourenço, pediram e receberam ajuda de suas respectivas igrejas.

Quatro congregados deste lugar, já recebidos, serão batizados no templo da 1ª Igreja, no domingo próximo futuro. Acidentalmente, o Pastor Soren, encontrou-se na Barra, com o Pastor Américo, que ali fora também em missão idêntica, para colher os frutos do trabalho de um zeloso casal de sua igreja, que residia retirado da Barra, cerca de uma légua, mas que há uns 3 meses se mudaram para a Estação. Assim, deu-se um caso parecido com a abertura de um túnel, em que os trabalhadores, começando de lados opostos, se encontram no centro. O irmão Américo também pregou na residência do casal de membros da sua igreja e efetuou alguns batismos, de cujo número não estamos informados (JORNAL BATISTA, MARÇO: 1916).

Segundo, em um momento mais à frente, quando da elevação da Congregação de Barra do Piraí ao status de igreja local, vemos a participação, agora não mais “acidentalmente”, mas de forma organizada e conjunta entre a PIBRJ e da Igreja Batista da Ilha do Governador. Assim, após a Assembleia realizada na PIBRJ, decidiu o destino sobre a organização da Primeira Igreja Batista de Barra do Piraí (PIBBP), numa reunião entre as lideranças de ambas as igrejas, em 15/02/1917. Neste encontro foi deliberado sobre a ordem do culto a ser realizado em Barra do Piraí, momento em que seria oficializada fundação da PIBBP. Na ata feita desta reunião, encontramos uma menção direta à Igreja Batista da Ilha do Governador.

(...) é assunto desta reunião extraordinária a organização na nova Igreja em Barra do Pirahy. Foi sugerido pelo pastor que sejam enviadas duas bandejas para a celebração da Ceia do Senhor, para uso daquela Igreja. Por aprovação unânime foi resolvido que seja ofertado aquele objeto acima exposto e de acordo com o desejo da Igreja da Ilha do Governador, as despesas com aquela compra sejam divididas em partes eguaes, pelas duas Igrejas (AIBBP. INFORMATIVO, 1992: 04).

Desta forma, dissipadas as aparentes divergências e demonstrada a complementariedade entre as fontes utilizadas neste trabalho, podemos voltar à

análise do processo de construção de um espaço sagrado batista em Barra do Pirai. Podemos inferir que o número de convertidos e de simpatizantes à fé batista cresceu rapidamente. Com isso, a frequência aos cultos realizados no ponto de pregação, que no início contava apenas com a participação dos três fundadores e suas respectivas famílias, passou agora a contar com dezenas de pessoas. Esse rápido crescimento verificado no período compreendido entre a fundação do ponto de pregação – entre maio de 1914 e meados de 1915; e a chegada do apoio externo por parte da PIBRJ e da I. Batista da Ilha do Governador – aconteceu a partir de 1916. O rápido crescimento de simpatizantes da fé deve ter sido significativo o suficiente para que ambas as lideranças dessas igrejas considerassem viável despenderem recursos e mão de obra para apoiar os crentes de Barra do Pirai.

Assim, imediatamente após as lideranças daquelas igrejas constatarem o potencial de crescimento daquele ponto de pregação, até então autônomo - criado por aqueles crentes de Barra do Pirai - o mesmo foi oficialmente “encampado” e elevado ao status de Congregação pela Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. A partir desse momento, a Congregação estava subordinada à coordenação e a liderança política do Pastor Soren. Este fato, certamente, conferiu maior visibilidade e credibilidade ao grupo junto à população barrense (podia sentir a presença da PIBRJ) e também serviu para alavancar os interesses políticos-religiosos da PIBRJ na expansão do protestantismo no interior fluminense. Todavia, a instituição religiosa barrense ganhou autonomia ao ser elevada ao status de igreja local, em 1917.

Dessa forma, muitos dos frequentadores naquele período inicial tiveram seus nomes vinculados como membros fundadores da PIBBP. Percebe-se a construção de um discurso entorno da igreja permeado de significados identitários junto à comunidade. Religião e território são compreendidos de modo parti-

cular com atribuições de significados singulares. Os sujeitos históricos organizam seus espaços na tentativa de dotar a vida de sentido, assim como, “em torno da natureza do espaço envolve criações de caráter simbólico” afirma José Arilson Xavier de Souza (2020: 55). Dentre os nomes catalogados - além dos sr. José Firmino de Mello, Mário Eugênio da Silva e Leopoldino José Lourenço -, encontramos listados no Informativo do Jubileu, assinaturas de “Agda Elias da Silva (mãe de Mário Eugênio), Antônio Lopes Mandim, Ana de Carvalho, Lydia Nóbrega de Mello e seu esposo, Aristides de Souza Mello, Jordão de Moraes, Ana Silva, Antônio Soares, Sebastiana Torres de Mello e Ana Maria da Conceição (Dona Cota)” (AIBBP. INFORMATIVO, 1992: 04). No dia 11 de fevereiro de 1917, em Assembleia regular a PIBRJ, decidiu pela elevação da Congregação à igreja local, em Barra do Piraí.

(...) para a formação da Igreja em Barra do Pirahy, foram concedidas cartas demissórias dos seguintes irmãos: Leopoldino José Lourenço, Detiosa Maria da Silva Lourenço, Manoel José Lourenço, Rodolpho da Silva, Vitalina da Silva, Amadroa da Silva, Ambrozina dos Santos, Euclides dos Santos, Idalina de Carvalho, José Maximino de Carvalho, Antônio José dos Santos, Domingos Marques de Souza, Antônio Soares, Benedicto Bernardo dos Santos, José Caetano, Manoel Graça, Josephina Francisca da Silva, e Agenor Pinto da Costa (...) (AIBBP. INFORMATIVO, 1992: 04).

Com isso, todo o processo individual e/ou coletivo de construção e consolidação de um território identificado ao sagrado em Barra do Piraí, pois é no espaço que se seguem as formas que facilitam o modo de existir religioso, atingiu o seu ápice com a fundação - por parte da PIBRJ e da Primeira Igreja Batista - através de um culto solene realizado na presença de trinta e dois membros, no dia 18 de fevereiro de 1917 (BAUMGRATZ, 1991: 143). Este fato repercutiu no meio da denominação e inclusive foi presenciado por diversos pastores, sendo inclusive noticiado pelo Jornal Batista, na edição de primeiro de março de 1917.

Conforme prometemos, damos a seguir algumas notícias acerca da organização da nova Igreja Batista na Barra do Pirahy. Conforme já foi anunciado, a igreja foi organizada no dia 18 de fevereiro do corrente, com 20 membros da 1ª Igreja do Rio e 12 da Ilha do Governador. Fizeram-se representar as igrejas: 1ª do Rio, de Catumby, da Ilha do Governador, de Laranjeiras, de Parayba do Sul e de Valença. Entre os representantes, estávamos pastores F. F. Soren, que foi moderador da sessão, Florentino, R. da Silva e Américo Luciano Senna. Depois da organização falaram: O pastor Soren, sobre “O que é uma Igreja Batista”, o pastor Américo sobre “A relação da Igreja para com as outras igrejas”, o pastor Florentino, sobre a “Relação da Igreja para com a evangelização em geral (AIBBP. INFORMATIVO, 1992: 05).

Fazendo uma análise conclusiva, não deixa dúvidas o fato de que a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro (PIBRJ) esteve na posição de liderança das ações tomadas durante processo de implantação da Primeira Igreja Batista de Barra do Piraí (PIBBJ). A partir do momento que assumiu a liderança do ponto de pregação e, logo, transformando-a numa Congregação até o momento em que conferiu a esta mesma o status de igreja local autônoma. Por outro lado, também se observa a participação da Igreja Batista da Ilha do Governador, como coadjuvante da PIBRJ no processo, em particular, a partir da criação da Congregação. Ao que tudo indica, desde o encontro “acidental” ocorrido em Barra do Piraí, entre o pastor Soren - PIBRJ - e o pastor Américo - I. B. da Ilha do Governador -, este último submeteu-se à liderança do primeiro no tocante às decisões que seriam tomadas quanto ao apoio aos crentes de Barra do Piraí.

Essa curta e acelerada atividade evangelística realizada pelos batistas na cidade de Barra do Piraí mostrou o quanto as práticas religiosas necessitam inscrever-se no espaço social caracterizando-a com suas identidades religiosas e simbólicas. A partir dessas práticas ritualísticas associado ao proselitismo aguerrido, o protestantismo se expandiu por toda a região alcançando outros municípios vizinhos. Pois nos mesmos moldes do que ocorreu com a PIBRJ na capital

federal, a PIBBP também foi responsável por diversos trabalhos missionários que resultaram na fundação de outras igrejas batistas na região Sul Fluminense, dando continuidade nas construções de outros territórios sagrados desta denominação - o que pode vir a ser objeto de outros estudos.

Conclusão

O protestantismo de missões foi o grande responsável pela difusão das denominações protestantes no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX. Neste sentido, a participação da denominação Batista possui destaque especial tanto pelas suas estratégias políticas de ação quanto pelos expressivos resultados advindos do agressivo proselitismo. Por sua vez, o contexto religioso brasileiro, em especial, na cidade do Rio de Janeiro – apresentava-se como um grande mosaico de religiões – se mostrou um campo receptivo às novas expressões de fé cristã, como o protestantismo. O advento da República propiciou através da Constituição de 1891 um clima favorável para a implantação político-religiosa evangelizadora dos missionários batistas.

Quanto ao caso particular, a chegada dos batistas à cidade de Barra do Pirai foi uma reprodução de uma estratégia política de expansão da fé que seguiu os mesmos padrões de comportamentos apresentados pelos missionários norte-americanos, pelos membros das igrejas batistas fundadas no Rio de Janeiro, Bahia, Maceió e Recife. Podemos inferir que o doutrinamento recebido de Mário Eugênio da Silva pôde incutir em José Firmino de Mello a preocupação com a evangelização das pessoas da região, daí abrir as portas de sua casa para a realização dos trabalhos de evangelização de vizinhos e colegas da ferrovia. A mesma preocupação com a evangelização das pessoas, em especial, com os moradores de Barra do Pirai, pode ter sido a causa que levou tanto Mário Eugênio da

Silva quanto Leopoldino José Lourenço a pedirem ajuda às suas respectivas igrejas – a PIBRJ e a I. B. da Ilha do Governador.

Quanto a PIBRJ e a I. B. da Ilha do Governador, percebemos que houve a intenção de apoiar as atividades missionárias em Barra do Piraí, demonstrada através do envio de seus pastores para a cidade. E que, devido ao encontro destes pastores, a liderança dos trabalhos restou a cabo da PIBRJ. Porém, não se deve descartar que tais instituições religiosas são corpos que reproduzem uma determinada visão de mundo cujas expressões confessionais se expressão no campo político materializada na ação missionária.

Fontes

Arquivo da Igreja Batista de Barra do Piraí (AIBBP). OLIVEIRA FILHO, Antônio José de - Breve Levantamento Histórico da Igreja Batista de Barra do Piraí, 1958.

AIBBP. Informativo do Jubileu da Primeira Igreja Batista de Barra do Piraí, 1992.

BRASIL. Constituição da República de 1891. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil.

Gazeta da Bahia. 23 de setembro de 1883. Anno V, número 212. Acervo Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213454&pasta=ano%20188&pesq=%22egreja%20batista%22&pagfis=4978>

Imprensa Evangélica. 10 de outubro de 1878. Anno XIV, nº 41. Acervo Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=376582&pasta=ano%20187&pesq=%22escola%20americana%22&pagfis=1984>

Imprensa Evangélica. 2 de abril de 1892. Número 4. Acervo digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=376582&pasta=ano%20189&pesq=%22egreja%20evang%C3%A9lica%20fluminense%22&pagfis=4128>

LAEMMERT, Almanak. Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Eduardo Henrique Laemmert, 1910. p. 50. Acervo Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394&pasta=ano%20189&pesq=egreja&pagfis=42894>

O Jornal Batista: edições de 1901-1948. Fevereiro de 1901. Acervo Digital. Disponível em: <http://acervo.batista.com/>

O Jornal Batista: edições de 1901-1948. Janeiro de 1901. Acervo Digital. Disponível em: <http://acervo.batista.com/>

O Jornal Batista: edições de 1901-1948. Janeiro de 1910. Acervo Digital. Disponível em: <http://acervo.batista.com/>

O Jornal Batista: edições de 1901-1948. Março de 1916. Acervo Digital. Disponível em: <http://acervo.batista.com/>

O Jornal Batista: edições de 1901-1948. Março de 1916. Acervo Digital. Disponível em: <http://acervo.batista.com/>

O Jornal Batista: edições de 1901-1948. Março de 1916. Acervo Digital. Disponível em: <http://acervo.batista.com/>

Jornal O Apóstolo. 11 de fevereiro de 1866. Anno 1, nº 6. Acervo Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=343951&pagfis=23>

RIO, João do. As Religiões do Rio. Editora Nova Aguilar – Coleção Biblioteca Manancial nº47,1976.

Referências

ALVES, Jéssica de Fátima Rossone. Barra do Piraí e a Ferrovia: Cidade, Modernidade e Identidade. Dissertação de Mestrado, UFJF, 2018.

ALVES, Pedro Henrique. Primórdios Batistas no Brasil: Abertura de Igrejas e Formação da Equipe Missionária (1881-1886). CIDADE: Mosaico-Volume 12:2020.

ARIAS NETO, José Miguel. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.). O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ASSIS, Ângelo Adriano Faria de. O fim de um monopólio. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Protestantes. Ano 08, nº 87, dezembro 2012.

BAUMGRATZ, Gilson. Barra do Piraí: cronologia histórica. Niterói: Imprensa Oficial, 1991.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

CARNEIRO, Filipe Degani; VILELA, Ana Maria Jacó. Religião na história da psicologia no Brasil: o caso do protestantismo. Diaphora. Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul 12(1). Jan/jul. 2021.

CARVALHO, José Murillo de. Os três povos da República. Revista USP, São Paulo, n.59, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COOK, Karen S. vinculación de actores y estructuras de intercambio. In: SANTOS, Requena Felix. Análisis de rede sociales: origenes, teorías y aplicaciones. Madrid: Centro de Investigaciones sociológicas, 2003.

COSTA, Emília Viotti da. O mito da democracia racial no Brasil. In: _____. Da monarquia à república: momentos decisivos. 6.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COUTROT, Aline. Religião e Política. In: REMOND, René. (org.). Por uma história política. 2ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

CRUZ, Gicélia da; SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. Fé e escolarização de negros protestantes em Salvador (1982-1920). *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, jan-jun/ 2019.

DEL PRIORE, Mary. Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. A interiorização da metrópole e outros estudos. 2ed. São Paulo: Alameda, 2005.

ELIAS, Rodrigo. Braços para fazer um país. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Os imigrantes. Ano 2, n 24, outubro 2005.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Lisboa: Edições Livros do Brasil, 1992.

FARIAS, Juliana Barreto. João do Rio e os africanos: raça e ciência nas crônicas da belle époque carioca. *Revista de História da USP*, n. 162, 1º setembro de 2010.

FEITOZA, Pedro Barbosa de Souza. A “Imprensa Evangélica” como estratégia para a inserção do protestantismo no Brasil Imperial. XIV Encontro Regional da Anpuh Rio – Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro. 2010.

FICKELER, Paul. Questões fundamentais na geografia da religião. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, Edição Comemorativa 1993-2008.

GIUMBELLI, Emerson. Clifford Geertz: a religião e a cultura. In: TEIXEIRA, Faustino. (org.). sociologia da religião: enfoques teóricos. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

KARNAL, Leandro et all. História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. 2ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEITE, Marcos Teixeira. Os batistas nacionais: perspectivas históricas e teológicas. Dissertação de Mestrado em Teologia. EST/PPG. São Leopoldo, 2015.

LIMA, Paulo Afonso Dias de; BAHIA, Mirleide Chaar; COSTA, Léa Maria Gomes da. Territorialidade religiosa: uma análise da Igreja Profética Batista da Restauração na região metropolitana de Belém-PA. REVER, São Paulo, v. 19, n. 3, set/dez 2019.

MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber In: TEIXEIRA, Faustino (org.). sociologia da religião: enfoques teóricos. 2ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. Introdução ao Protestantismo no Brasil. 2ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NUNES, Maria José Rosado. A sociologia da religião. In: USARSKI, Frank (org.). O espectro disciplinar da ciência da religião. São Paulo: Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, Álvaro Ramon Ramos. A cidade vai ao culto: uma história social dos batistas no Rio de Janeiro (1900-1930). 205 f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2021.

OLIVEIRA, Álvaro Ramon Ramos. A Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro e a sua Posição Irradiadora: Uma Análise Panorâmica das Missões Batistas no Rio de Janeiro (1884-1910). Histórias e Parcerias – Anais do 3º Encontro Internacional. ANPUH, 2021.

OLIVEIRA, Pedro A. R. de. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino. Sociologia da religião: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Ronald Lopes. O processo de implantação do Luteranismo no Brasil: o caso da região de Nova Friburgo (1824 a 1857). Anais do XV encontro Regional de história da ANPUH-RIO, 2012.

ORTIZ, Renato. (org.). A Sociologia de Pierre Bourdieu. São Paulo: Olho d'Água, 2013.

PAULA, Marcio Gimenes de. O padre que virou pastor. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Protestantes. Ano 04, nº 38, novembro 2006.

PEREIRA, Adair Nelo; DE SÁ, Maria do Socorro Freire. Os Batistas e o Crescimento Evangélico. Revista Summae Sapientiae, v 1, n 1. 2018.

PEREIRA, José Reis. Breve História dos Batistas. 2ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil. Revista USP, São Paulo (28): dezembro/ fevereiro 95/96.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.). O Brasil Republicano. Vol I. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Dos cortiços aos condomínios fechados. As formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

ROCHA, Márcio José de Oliveira. Identidade batista, poder e interdependência social. XIV Simpósio Internacional Processos Civilizadores: Civilização, Fronteiras e Diversidades, Dourados-MS, 2012.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo

SALLES, Ricardo; SOARES, Mariza de Carvalho. Episódios de história afro-brasileira. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SANTOS, Félix Requena Santos. El concepto de red social. REIS, Revista Española de Investigaciones Sociológicas. 48/49. 1989.

SANTOS, Lyndon de Araújo. O Protestantismo no Advento da República no Brasil: Discursos, Estratégias e Conflitos. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 8, Set. 2010.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário. São Paulo: Claro Enigma, 2021.

SILVA, Ademar Alves da. Os Batistas no Contexto do Protestantismo Brasileiro. Dourados: Revista História em Reflexão - Volume 5: 2011.

SILVA, Elizete da. A presença protestante no Brasil. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Protestantes. Ano 04, nº 38, novembro 2006.

SILVA, Elizete da. Protestantes na terra de todos os santos: acordos, disputas e polêmicas. Mouseion, Canoas, nº 17, abr., 2014.

SOUZA, José Arilson Xavier de. Espaço, Religião e Geografia. Geografia em Questão. V 13, n 01, 2020.

TEIXEIRA, Marli Geralda. Os Batistas na Bahia: 1882-1925. 282 fl. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.

TRESPACH, Rodrigo. Alemães para toda hora. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Alemães: como os germânicos viraram brasileiros. Ano 9, nº 102, março 2014.

VIEIRA, David Gueiros. O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil. 2ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1929.

WANDERLEY, Mayrinkellison Peres. A influência norte-americana no protestantismo potiguar: as missões batistas (décadas de 1950 a 1970). Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005.